

# Qualidade no Ensino



Horácio Almendra ([horacio.almendra@iqe.org.br](mailto:horacio.almendra@iqe.org.br))

Colaboração: Maria Helena Braga, Maria Sidalina Gouveia, Cristina Luiza Garbui, Maria Teresinha Figueiredo e José Gayoso.

## Adolescência no Brasil e o desafio da construção de um novo Projeto de Escola Pública

**Iran Freitas**

Coordenadora Geral em Pernambuco do IQE – Instituto Qualidade no Ensino ([www.iqe.org.br](http://www.iqe.org.br))

Faz algum tempo, tenho refletido bastante sobre o atendimento escolar aos adolescentes mais carentes do Brasil. Quero pensar aqui, no “como” esses jovens são atendidos em seu direito subjetivo à educação pela rede pública de ensino. Em meus itinerários por escolas de Pernambuco, sobretudo as do Recife, mais próximas a mim, tento, em vão, visualizar alguma aderência entre os projetos escolares, em sua globalidade, e essa fase tão singular da vida dos seres humanos: a adolescência. Embora durante meu percurso acadêmico nunca tenha me dedicado, de fato, a um estudo mais aprofundado sobre a adolescência, tenho algumas noções básicas e irrefutáveis do que significa vivê-la. Elas foram adquiridas nas minhas experiências como professora, mãe, irmã, tia e nos diálogos com especialistas da área. A primeira noção é que, nessa etapa da vida, a construção da identidade se dá entre a criança que ainda é, que se tornará passado, e o adulto, que se tornará no futuro; ou como diria Antônio Carlos Gomes da Costa “o não mais, em

relação à criança que foi e o ainda não, em relação ao adulto que será”.

O que se percebe na superfície da oferta educacional a adolescentes e jovens é um projeto escolar totalmente desconectado de suas expectativas e necessidades, tecidas no ambiente que se forja entre a fragilidade da família e invisibilidade deles perante a sociedade.

Nos últimos dias, pudemos mais uma vez nos surpreender negativamente com os ínfimos resultados de proficiência (aprendizagem) das escolas públicas, na segunda etapa do ensino fundamental, na qual está matriculada a grande maioria dos adolescentes brasileiros. Pífios resultados de aprendizagem denunciam o que todos já sabemos: a escola de hoje sequer consegue alcançar o desenvolvimento da capacidade cognitiva dos alunos nessa fase.

Criar uma escola capaz de atender aos adolescentes das camadas populares do Brasil exige redimensionar, sem reservas, toda a oferta de educação hoje vivenciada. É urgente assumir que os projetos escolares vigentes não funcionam, não contribuem significativamente para a construção de jovens mais capazes de, à luz das aprendizagens escolares, obter um melhor desempenho na vida pessoal e profissional.

Pensar esta nova escola é pensar primeiro quais desafios se apresentam na vida de um adolescente oriundo das camadas pobres da sociedade. Daí, então, desenhar um projeto escolar que venha atender a esses alunos de forma competente e significativa, transformando limites em possibilidades e utilizando a extraordinária força da juventude a favor de um projeto revolucionário de educação para adolescentes.

Sabemos que a magnitude de uma proposta educacional está diretamente ligada ao desenvolvimento das capacidades dos sujeitos que dela fazem parte. Nesse sentido, conhecemos experiências que, embora pequenas em sua expansão territorial, são grandiosas em relação ao alcance e transformação no modus operandi dos alunos adolescentes nela inseridos. O diferencial dessas propostas é que o aluno se constitui o princípio, meio e fim das decisões tomadas, e, no recorte entre alunos adolescentes, todas as marcas e características dessa fase são condutoras das definições em relação à estrutura física e curricular da escola.

Por fim, é preciso recriar a escola para o adolescente. Já temos experiências exitosas que constituem um norte. Falta agora a decisão política, não de um governo, mas de toda a sociedade, sobre qual modelo escolar ofertar para esses sujeitos, em pleno estado de construção de sua identidade como pessoa humana.

Que escola deve ser construída para preencher todas as lacunas social, cultural, afetiva e econômica em que estão imersos e submersos os adolescentes pobres do país? Que escola deve ser construída para que esses adolescentes possam se perguntar não só “quem sou eu?”, mas, sobretudo, “quem eu posso ser?”. Não apenas “onde estou?”, mas, principalmente, “onde posso chegar?”. Os ditos de Rubem Alves nos fazem refletir que: “Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar”. Que possamos, portanto, dar a esses jovens a possibilidade do voo que, como também nos diz Rubem Alves, já nasce dentro dos pássaros.